Geographia Econômica do Ceará

AS SÊCCAS DE 1931 A 1933

SOUZA PINTO

Em artigo sob o titulo «*O Ceará Econômico em 1934*», publicado na edição de 15 de julho de 1935, em «*O Nordeste*» e, também, no «*Baletim do Departamento Nacional de Industria e Commercio*», do Ministerio do Trabalho, nº. 9, de setembro do anno supracitado, eu escrevi: «*Nestes ultimos* cincoenta annos, não se depara, na *vida econômica* do Ceará, um anno que tenha sido mais próspero que o de 1934.»

«Depois dos três annos de terriveis flagellos que estancaram todas as nossas fontes productoras e a que só resistimos *devido á acção benemerita do grande ministro José Americo e do Interventor Carneiro de Mendonça, o Ceará* RESSURGIU *como que tocado por uma vara magica dos contos de fadas.*»

Falava como profundo conhecedor, que sou, da economia cearense e que, dia a dia, pesquisa, accumula informações positivas e amealha dados estatisticos que colhe directamente, porque, sem elles, nada eu poderia provar relativamente á vida econômica do Estado, visto como a economia politica não póde viver sem o auxilio da Estatistica. Sciências irmãs, a economia politica, sciência DA observação, e a estatistica, sciência DE observação.

AS SÊCCAS

Que é uma sêcca?

E' um phenomeno de natureza physica com profunda repercussão nos meios econômico e social.

São effeitos seus, o deslocamento das populações, a dizimação dos rebanhos, o anniquilamento da

lavoura, com o seguinte cortêjo: fome, morte, viuvez e orphandade; em uma palavra, a miseria.

Isto é um facto conhecido, não só por nós cearenses, como por todo povo nordestino, sujeitos que somos ao flagello de sêccas mais ou menos periodicas.

Rodolpho Theophilo, o escriptor das sêccas, já não existe; vou tomar a sua tarefa descrevendo a situação afflictiva do Ceará, durante o terrivel flagello que durou 3 annos.

Para demonstrá-lo de modo positivo, sirvo-me dos elementos preciosos que possuo, colhidos por mim em labor insano, ante a indifferença de uns, a ignorância de muitos, a má vontade de outros, o desprêso de terceiros pelas coisas uteis, e, para que não dizê-lo, a falta de patriotismo de alguns dirigentes da nau governamental cearense.

Ora, como, em estatistica, a *comparabilidade* dos dados constitue a essência da sciência, sem a qual não podemos estabelecer parallelos e nem tirar conclusões, vou fazer um escôrço das nossas ultimas sêccas, isto é, as de 1915 e de 1919.

A SÊCCA DE 1915

Á sêcca de 1915 que causou, ao Estado, notavel prejuizo de vidas humanas e alta mortandade de gados, succederam os bons invernos dos annos de 1916, 1917 e 1918, que trouxeram alento ao espirito da gente dos campos e esperanças de dias mais auspiciosos.

Pelo censo pecuário realizado em 1912-1914 a nossa população bovina era de 1.086.595 individuos no valor medio de 86.927:600$000. Com a sêcca de 1915 aquelle numero ficou reduzido, pois a mortandade do gado se elevou á cifra phantastica de 680.498 cabeças ou seja 62,6 % do rebanho.

Intensificaram-se as culturas, especialmente a do algodão, e se iniciou o refazimento dos rebanhos, pela importação de bovinos de Piauhy e de Goyaz.

A exportação, que em 1916 attingira a somma de 23.598:513$328, chegou em 1917 a 25.617:541$899 e attingiu em 1918 a 42.807:865$230, mais 67 % que em 1917 e 80 % acima da de 1916.

Assim, se vinha refazendo a nossa expansão econômica, num ambiente de abastança, quando fomos assaltados pelo flagello da

SÊCCA DE 1919

Foi uma verdadeira hecatombe. A agricultura se anniquilou, a pecuária quase se extinguiu, vindo completar a obra de desolação o êxodo da população sertaneja, em demanda das mirificas plagas amazonicas á busca de melhores dias.

Caiu novamente a exportação; em 1919 alcançou 32.400:977$144 e em 1920 apenas 24.787:350$527.

OS PREJUIZOS DAS SÊCCAS DE 1915 E 1919

Destas duas sêccas resultaram prejuizos para a economia cearense estimados do modo seguinte:

Anno de 1915 . . .	159.050:000$
Anno de 1919 . . .	67.374:000$
Total . . .	226.424:000$

Estes valores, numa época em que o podêr acquisitivo da nossa moeda era auspicioso, constituem uma forte sangria, para um Estado como o Ceará, cujas receitas arrecadadas naquelles annos foram baixas; 4.900 contos em 1915 e 6.395 contos em 1919.

O FLAGELLO DOS TRÊS ANNOS

O anno de 1931 foi de chuvas escassas. Em várias zonas do território cearense não caiu uma unica gotta d'agua; em outras, as chuvas cairam de modo irregular, resultando a perda da sementeira.

Vimo-nos a braços com uma sêcca parcial e consequentemente as zonas não chovidas com o mesmo cortêjo de males que acompanham as sêccas geraes.

Os vigários de freguesias, a população sertaneja, o commercio, a imprensa reclamam dos podêres publicos soccorros immediatos. Os flagellados se deslocam e as primeiras levas de retirantes chegam á capital.

Os clamores não encontravam echo, porque os podêres publicos estavam absorvidos com os planos reformistas da revolução triumphante.

O interior do Estado era percorrido, não por commissões de soccorros, mas por commissões de revolucionários incumbidos de arrecadar armas e munições, porventura existentes nas residências dos chamados *decahidos*.

O Interventor federal, no Estado, pensa em favorecer a retirada dos sertanejos, mandando-os para o sul, aproveitando um pedido de S. Paulo, para ser encaminhado para alli um contingente de familias flagelladas, mas composta por homens válidos.

Revolto-me e, como collaborador effectivo que era do conceituado orgam de nossa imprensa «*Correio do Ceará*», numa de minhas collaborações semanaes, edicção de 11 de julho, escrevi o artigo

A EXPATRIAÇÃO DE LAVRADORES CEARENSES

Eis o que eu disse:

«Não vejo eu, em que possa merecer louvores, o convite feito pelo Estado de S. Paulo, para o engajamento de 500 familias de lavradores cearenses, contendo cada uma 2 a 3 homens válidos, escolhidos a dedo, por um agente, num total não inferior a 2.500 pessôas, para o fim de trabalhar na agricultura do grande, próspero e rico Estado sulista.

Dóe-me n'alma ver se cogitar da expatriação de elementos valorosos, criadores de nossa riqueza publica e particular, sob o *ridiculo* fundamento de favorecer a existência miseravel que levam os nossos lavradores,—por culpa dos podêres publicos—, na terra mater.

E' preciso que se diga energicamente á gente do sul, á gente privilegiada da *banda de lá do Brasil*, que o cearense pede soccorros e não esmolas.

Soccorrer é *ajudar*, *auxiliar*, e o lavrador cearense pede é *ajuda*, *auxilio*, isto é, que os podêres publicos lhe facilitem o meio de exercer a sua actividade, no seu torrão natal, dando-lhe, nos tempos de crise climatérica, trabalhos, visto como ainda os

senhores governantes não quizeram resolver o problema das sêccas.

Examinem-se, anno por anno, as nossas estatisticas econômicas e nellas encontraremos o alto valor do caboclo do Ceará, do *pé rapado*, que cava e semeia a terra e colhe os seus productos.

Vejam-se as *estatisticas nossa de exportação;* ellas nos mostrarão a elevada kilogrammagem que os nossos lavradores produziram na agricultura e na pecuária, fazendo canalizar, para o nosso Estado, sommas annuaes de mais de 80 mil contos.

Consultem-se as *estatisticas das rendas arrecadadas* pelo Estado, e ellas nos dirão que, emquanto os *lavradores* e *criadores* contribuem para ellas com a percentagem de 51,3, os commerciantes, industriaes, banqueiros, capitalistas, lettrados, artistas, etc. concorrem, apenas, com 48,7 %.

O Ceará tem sérios compromissos pecuários a solver, precisa portanto do trabalho de seus filhos para liquidá-los. Mas, como liquidá-los se o lavrador, justamente o elemento que mais concorre para satisfazer os seus compromissos, é exilado para outras terras?

Já publiquei dados interessantes demonstrando que, emquanto vários Estados da federação apresentam annualmente saldos negativos em sua balança internacional, o Ceará, apezar das sêccas que o assolam, obtém, sempre, *saldos positivos*, regulares, por que a sua exportação estrangeira ultrapassa a importação.

Vejam-se os numeros abaixo, referentes ao nosso commercio internacional, no quinquénnio 1926—1930.

ANNOS	CONTOS DE RÉIS		SALDOS
	EXPORT.	IMPORT.	
1926	34.176	25.434	8.742
1927	38.901	22.092	16.809
1928	43.737	25.149	18.588
1929	66.309	28.860	37.449
1930	59.678	21.786	34.482

Temos ahi, em cinco annos, uma exportação de 242.801 contos contra uma importação de 123.321 contos, ou seja um saldo de 119.480 contos de réis, num montante de *libras-ouro* 2.874.312.

Isto não é obra nossa, dos engravatados; é obra do *caboclo lavrador*, o pária que não possue escolas para os seus filhos, não possue assistência prophilatica que o livre das endemias e que, «ferreteados da syphilis, da tuberculose, das verminoses, da anemia palustre, vivem abandonados e despresados por seus irmãos cains», como se exprimiu Belisário Penna.

Não, a medida da expatriação do nosso lavrador válido, que produz em sua terra tanto quanto o permittem as condições mesológicas, não deve merecer a attenção daquelles que se interessam pela economia do Estado.

O Ceará precisa é que os seus problemas vitaes, entre elles, o das sêccas, sejam resolvidos definitivamente e não como meros palliativos, ou providências que venham affectar o seu desenvolvimento econômico.»

Dias depois, como perdurasse a idéa antipatriotica da expatriação dos infelizes cearenses, voltei á carga e bem documentado. Assim é que na edicção do dia 14 de agosto do mesmo jornal publiquei o artigo seguinte :

O CABRESTO DO CREDITO

«Há dias, das columnas deste jornal, insurgi-me contra a expatriação de lavradores cearenses, para o sul, *projecto preconizado*, como optima solução, para resolver a situação afflictissima de nossos pobres camponêses, a braços, no interior, com a situação precária que lhes trouxe a sêcca parcial.

Sinto-me immensamente satisfeito e renovo o trecho inicial de meu artigo, assim redigido: «Não vejo eu, em que possa merecer louvores, o convite feito pelo Estado de S. Paulo, para o engajamento de 500 familias de lavradores cearenses, contendo cada uma 2 a 3 homens válidos, escolhidos a dedo por um agente, num total não inferior a 2.500 pes-

soas, para o fim de trabalhar na agricultura do grande, próspero e rico Estado sulista.»

Tenho, em mão, um exemplar do conceituado orgam «O Estado de S. Paulo, edicção de 4 de junho, em que um intelligente technico que escreve semanalmente sôbre «Assuntos Agricolas» demonstra que a situação dos *lavradores paulistas* E' MA'.

Diz O. F. que nunca em S. Paulo se plantou tanto e de tudo, como na ultima época de plantio. Assevera que todos os productos de lavoura existem em grande abundância, bem *contra gôsto dos grandes fazendeiros* de café, que se viram obrigados a consentir que «os colonos plantassem, onde coubesse, um pé de qualquer planta, nos cafesaes ou fóra delles, para poder conservar as fazendas colonizadas depois do *rebaixamento do preço dos contractos por anno e dos salarios dos jornalistas*».

Eis o que estavam esperando os nossos lavradores; e não era só isto.

A tal fartura pouco ou nada tem aproveitado aos lavradores, affirma o technico, e o motivo é o mesmo de que se queixam aqui os nossos productores; *são explorados.*

Escreve O. F.: «Tudo está barato no interior, isto é, *os compradores arregimentados pagam aos lavradores preços irrisorios*, encaminhando o que adquirem para os seus patrões, que são esses açambarcadores que exploram a *barriga do povo.*»

«Todas as vantagens que foram conseguidas *difficilmente, não reverterão* em favor de quem tudo arriscou até ver suas colheitas debaixo do tecto. *Virão approveitar ao especulador*, que compra por conta de terceiros.

«*A camorra commercial está tão bem estabelecida* que desde que esses espertalhões percebam qualquer resistência por parte dos productores—*saem do mercado.*»

Saindo do mercado, evitam, os da camorra, que os *stocks* se accumulem nos centros consumidores e consequentemente caia o preço. Diminuidos os *stocks*, os preços se conservam em alta, por que genero de primeira necessidade, os cereaes, o pobre tem delle necessidade para o seu sustento,

«Os *exploradores* da fome do pobre *sabem* que o lavrador, mais dia menos dia, *é obrigado a vender ou a entregar* em pagamento toda ou parte da colheita. A maioria dos negociantes ou melhor, dos vendedores do interior *são colonos das grandes casas atacadistas que lhes vendem a credito,* e, como o dinheiro anda escasso, *tratam de arrebanhar* em generos pelo minimo, de tudo que convém aos seus patrões pelo *cabresto do credito.*»

Como se vê, são os mesmos processos usados no Amazonas pelos proprietários de seringaes contra os pobres seringueiros. O acto é tanto mais censuravel, quanto se verifica que se opera a tramoia num dos Estados mais civilizados do país e á vista de todo mundo.

E tão preparados estão os açambarcadores, para sugar o consumidor, que, para evitar sejam as mercadorias vendidas por preço baixo, estão dispostos a exportá-las, vendendo-as por preços inferiores ao que cobram do consumidor interno.

Que vantagens adviririam pois, pergunto, para os nossos lavradores sertanejos, de emigrar para um Estado onde o preço dos contractos de serviços e dos salários dos jornaleiros foram rebaixados? Onde aquillo que produziriam com innumeros sacrificios não teria preço e lhes seria arrancado pelo *cabresto do credito !*»

INDIFFERENTI$MO DOS PODÊRES PUBLICOS

Preoccupados com a victoria da revolução que havia empolgado o país e a execução dos planos reformistas, os triumphantes não se apercebiam de que a vasta e productiva região do nordeste brasileiro se achava assolada por uma sêcca damnosa e que muitos brasileiros pagavam com a vida o desafôro de *ter nascido nordestinos.*

Foi quando, por felicidade nossa, no mês de setembro tomou posse do elevado cargo de Interventor Federal, no Estado, o Capitão Roberto Carneiro de Mendonça, em quem nossa terra havia de encontrar um probo defensor.

GRANDE BENEMERITO

O Sr. Carneiro de Mendonça, convencido de que se tratava de uma verdadeira calamidade e que não comportava mais delonga uma acção rapida governamental, e sobretudo conscio da responsabilidade que lhe cabia, tomou immediatas medidas, afim de suavizar a angustiosa situação dos infelizes patricios que se viam forçados a abandonar os seus lares á procura de meios para a sua subsistência.

Neste momento, abril de 1932, já se achavam concentrados em Quixeramobim e immediações 59.656 pessoas e, em Patú, 56.981.

Para attender com efficiência os serviços de soccorros aos flagellados e evitar o deslocamento deveras temivel para a saúde e tranquilidade publicas das populações sertanejas que emigravam para vários pontos, e preferentemente para a Capital, a Interventoria tomou urgentes providências.

Considerando o Estado em calamidade, o Sr. Carneiro de Mendonça restabeleceu o commissariado de alimentação publica, com o fito de regular as transações commerciaes de generos de primeira necessidade.

A cargo do dito commissariado ficou: a)—a verificação semanal do stock de generos alimenticios e de primeira necessidade, armazens, trapiches, depositos e demais estabelecimentos congeneres, afim de conhecer de sua qualidade, quantidade e procedência; b)—inquerir do custo de producção desses generos, os preços de acquisição nos centros productores ou a entrada nos mercados e dos preços pelos quaes os mesmos são vendidos aos consumidores; c)—a limitação dos preços maximos porque poderão ser vendidos os generos de primeira necessidade, publicando semanalmente as respectivas tabellas, com a approvação da Interventoria; d)—assegurar o abastecimento de generos indispensaveis á alimentação publica e prohibir a saida de productos alimenticios, desde que os stocks existentes não sejam bastantes para o consumo interno do Estado.

O commissariado da alimentação ficou autorizado a *adquirir* generos alimenticios quando, assim,

fôsse preciso para estabelecer o equilibrio do consumo e com a faculdade de requisitar ou desapropriar por necessidade publica toda a especie de genero indispensavel á alimentação.

Para dar maior efficiência aos serviços de soccorros, o grande Interventor criou em caracter provisório o *Departamento de Sêccas*. Installado este, o govêrno tratou immediatamente de concentrar os flagellados em pontos diversos, afim de socorrê-los com efficiência e em tempo opportuno.

Foram criadas sob a fiscalização do *Departamento* as seguintes concentrações:—*Burity*, no municipio de Crato; *Quixeramobim*, no municipio do mesmo nome; *Patú*, no municipio de Senador Pompeu; *Cariús*, no municipio de S. Matheus; *Ipú*, no municipio do mesmo nome; *Urubú* e *Octavio Bomfim*, no municipio de Fortaleza.

Organizada, desta maneira, a defêsa publica contra a crise climaterica, a Interventoria, expondo eloquentemente ao Govêrno Federal a gravidade da situação, pediu o seu concurso monetário afim de custear as despêsas a serem effectuadas, por isso que as condições financeiras do Estado não lhe permittiam arcar com tamanha responsabilidade.

Já o Interventor Carneiro de Mendonça, de 14 de abril a 19 de dezembro de 1932, havia aberto creditos num total liquido de 505:000$000, para os serviços urgentes de soccôrro e assistência aos flagellados, não estando computados, nesta cifra, vários serviços executados com as proprias verbas orçamentárias.

«Graças á actuação eminentemente patriotica do Ex. Sr. Ministro da Viação, dr. José Americo de Almeida — a quem o Ceará é por demais grato e reconhecido —, em abril de 1932 foram remettidos os primeiros numerários a este Estado.» (CARNEIRO DE MENDONÇA).

Neste tempo os flagellados localizados nas diversas concentrações, onde recebiam soccorros, se achavam distribuidos do seguinte modo:

Fortaleza	46.794
Burity	486.208
Caríús	839.968

Ipú.	201.879
Quixeramobim . . .	108.889
Patú	472.345

no vultoso total de 2.156.180 individuos.

Passo a dar as quantias fornecidas pelo Ministro da Viação, como auxilio aos nossos infelizes patricios. De 20 de abril a 14 de dezembro de 1932, réis, 4.010 contos; de 25 de janeiro a 1º. de março de 1933, réis, 9.010 contos ou seja um total de 13.010 contos no espaço de 11 mêses.

E o eminentissismo brasileiro não limitou a sua benefica acção á remessa de numerário; veio pessoalmente ao nordeste, tendo percorrido os adustos sertões, em todas as direcções, não só para verificar como eram tratados os flagellados, como também para providenciar sôbre a execução das obras de emergência a cargo da Inspectoria Federal de Obras Contra as Sêccas.

E não ficou só nisto; S. Excia. fez mais. Cairam as primeiras chuvas do desejado inverno de 1933; o Interventor Carneiro de Mendonça, com muito critério e senso prático, pensou na necessidade de desfazer as concentrações dos flagellados, fazendo-os retornar aos seus *habitats,* visando nesta medida não só os interêsses das populações deslocadas, como os altos interêsses econômicos do Estado.

Como muito bem disse o Interventor cearense, dar por terminado os auxilios sem proprocionar aos flagellados os meios necessários ao seu regresso, seria abandoná-los aos azares da sorte, em regiões pouco propicias e—sôbre ser uma temeridade, annullaria quase por completo as anteriores medidas de protecção emanadas dos podêres constituidos.

E' quando «mais uma vez, affirma o Sr. Carneiro de Mendonça, surge a figura do grande Ministro —José Americo de Almeida—, justamente chamado— SALVADOR DO NORDESTE —, a quem o CEARÁ DEVE A CONTINUIDADE de sua vida econômica e financeira e a propria conservação dos nucleos de população sertaneja».

«Num gesto altamente dignificante e nobre, que caracteriza os actos de sua vida publica—,o Ministro José Americo de Almeida autorizou a R. V. C. a for-

fornecer, por intermedio da administração do Estado, as passagens precisas ao transporte dos flagellados aos seus municipios e, como medida supplementar, mandou fornecer, com requisição desta Interventoria, passagens para cêrca de 15.000 flagellados, que tomaram rumos diversos, uns para o norte, outros para o sul do país.» (CARNEIRO DE MENDONÇA)

Facto admiravel, os nucleos de concentração, que em janeiro de 1933 possuiam as seguintes populações flagellados,

Fortaleza	160.508
Burity	1.891.660
Cariús	324.140
Ipú	126.645
Patú	325.140

ou seja uma população deslocada de 2.828.093 pessoas, em maio *deixaram de existir*, porque os flagellados já *haviam regressado* ás suas antigas moradas.

OS BENEFICIOS COLHIDOS

RES NON VERBA ; a phrase é bastante sediça, mas bem applicada ao que vou expôr.

Asseverou o interventor Carneiro de Mendonça que, ao Sr. José Americo, O CEARÁ DEVE A CONTINUIDADE DE SUA VIDA ECONÔMICA E FINANCEIRA E A PROPRIA CONSERVAÇÃO DOS NUCLEOS DE POPULAÇÃO SERTANEJA.

E' um facto. Da conservação dos núcleos de população sertaneja decorre a continuidade econômica e financeira do Estado, por que, «emquanto o caboclo sertanejo, o *pé rapado que veste camisa e ceroula de algodãozinho*, com a sua agricultura ronceira dos tempos primitivos, contribue para as rendas do Estado, com a percentagem annual de 51,3 os engravatados, banqueiros, capitalistas, commerciantes, industriais, etc,. concorrem apenas com 48, 7%». (A EXPATRIAÇÃO DE LAVRADORES CEARENSES: SOUZA PINTO).

E não é só isto. O commercio exportador do Ceará é feito quase exclusivamente com os productos agro-pecuários, que concorrem para a *exportação geral* com 93, 5 %.

Vou fazer a prova. O commercio exportador cearense, nos annos das sêccas de 1915 e 1919, se acha assim representado:

1915 . . . . 14.674.046 kilogrammas.
1919 . . . . 18.662.286 kilogrammas.

Nos annos de 1932 e 1933, nos quaes a sêcca chegou ao apogêu, os algarismos são os que passo a dar:

1932 . . . . 30.911.256 kilogrammas
1933 . . . . 31.435.682 kilogrammas.

Eis ahi uma demonstração positiva das grandes vantagens da «*conservação dos núcleos de população sertaneja*». Sob o ponto de vista *econômico* o resultado foi o seguinte: a kilogrammagem em 1932 e 1933 ultrapassou de 47,4% á de 1915, e de 43, 9%, á de 1919.

E porque isto se deu? Pela razão muito simples: localizados que estavam, poderam os sertanejos semear e colhêr.

Outra prova. Nós sabemos que geralmente, no anno seguinte ao de uma sêcca geral, os effeitos desta perduram, mesmo que haja bom inverno.

Demonstro. No anno de 1915 a kilogrammagem dos productos agro-pecuários alcançou a cifra de 14.674.046; pois bem, no anno seguinte, 1916, a kilogrammagem caiu a 14.311.008.

Contrariando *esta norma*, o anno de 1934, após os annos maus de 1932 e 1933, foi o anno, até então, da *vida econômica do Ceará*, mais próspero. A sua kilogrammagem subiu a cifra espantosa, jamais alcançada, de 116.791.583.

E por que assim foi? Indubitavelmente por que os cearenses voltaram aos seus lares, ás suas terras e estavam aptos pelos soccorros recebidos a se entregarem, com afinco, aos trabalhos do campo. O que se não verificou na grande sêcca de 1915, cujos unicos soccorros constituiram em se fornecer passagem aos flagellados, do que resultou a sahida de 30.802 pessôas para o norte e de 8.511 para o sul, ou seja um total geral de 39.313 individuos, e nem na sêcca de 1919, em que foram *soccorridas* com a expatriação para o norte 20.000 pessoas.

Na ultima sêcca poucos foram os emigrados; o seu numero attingiu apenas a 15.000 almas, consequentemente 38,1% menos que em 1915.

Agora, passemo-nos ao ponto de vista financeiro. Para a riqueza do Estado, os productos exportados em 1915 e 1916 concorreram, respectivamente, com as sommas de 29.959:631$ e 32.400:977$; nos annos de 1932 e 1933, respectivamente, 54.714:553$ e 42.168:612$, e no anno de 1934 com a alta cifra de 136.344:407$. Para a renda do Estado, a contribuição foi a seguinte: em 1915 e 1919, respectivamente 1.830:651$028 e 3.034:222$578; nos annos de 1932 e 1933, respectivamente, 3.090:022$400 e 2.949:100$000; no anno de 1934 a vultosa somma de 9.194:348$500.

A PRODUCÇÃO AGRÍCOLA

Se o que acabo de dizer é uma revelação assombrosa dos beneficios usufruidos pelo Ceará, devido a acção benemerita do Ministro José Americo, e do Interventor Carneiro de Mendonça, possuo outros testemunhos eloquentissimos, que reputo superiores aos que venho de mencionar.

Para melhor alcance do que vou expôr, chamo a attenção para o seguinte. O anno de 1931 foi de sêcca parcial, o anno de 1932, de completa sêcca, e o anno de 1933, de chuvas escassas e irregulares.

Isto feito, passo a dar os dados da producção dos principaes productos agricolas de 1931 a 1935.

ANNOS	KILOGRAMMAS	VALOR
1931	640.673.816	178.700:791$
1932	520.520.443	148.041:791$
1933	399.292.258	140.816:619$
1934	927.939.500	307.284:888$
1935	730.116.623	390.400:090$

Para maior realce, *medi* as cifras do anno de 1931 com as dos annos seguintes, tendo encontrado os *numeros-indices* infra.

BASE, 1931 = 100

ANNOS	KILOGS.	VALOR
1931	100	100
1932	80	82
1933	62	79
1934	152	172
1935	114	218

Que conclusões tiramos dos *numeros-indices* acima? RESPONDO: as informações ineditas, que nos dão uma idéa perfeita dos proveitosos resultados colhidos, pela criteriosa medida do retôrno das populações flagelladas aos seus lares, ás suas terras.

Com effeito, em 1931, anno de sêcca parcial, a producção agricola alcançou o indice 100; no anno de 1932, de sêcca geral com o deslocamento dos sertanejos, a producção baixou a 80; no anno de 1933, de chuvas escassas e irregulares, quando os retírantes voltaram aos seus *habitats* desprovidos de sementes e sem ter preparado devidamente os seus roçados, a producção baixou a 62: no anno de 1934, porém, em que as populações já estavam perfeitamente localizadas e providas de sementes, a producção subiu a 152, para soffrer novamente um decrescimo em 1935, proveniente da falta e irregularidade de chuvas em várias zonas do Estado. Tal decrescimo, entretanto, nenhum prejuizo trouxe á economia do Estado, por isto que, os preços dos productos se elevaram ao *numero-indice* 218, a que não chegaram os indices dos annos anteriores.

SERVIÇO DE ASSISTÊNCIA AOS FLAGELLADOS

Aquillo que vou relatar, referentemente aos serviços de assistência aos flagellados, é uma pagina edificante do coração magnanimo do Interventor Carneiro de Mendonça. Vejamos.

A SÊCCA DE 1915

Quando da sêcca de 1915, o presidente do Estado, cel. Benjamin Liberato Barroso, bastante preo-

ccupado com a saúde da população desta Capital, pela infiltração, que se vinha realizando, de levas de retirantes vindos de todos pontos do nosso sertão e dos sertões limitrophes de Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte e Piauhy, tratou de tomar umas tantas medidas attinentes á hygiene publica.

Foi porém infeliz, por que fêz encurralar, num grande cercado, criaturas andrajosas, sujas e portadoras de várias molestias, as quaes ficaram expostas ao sol impiedoso, aos ventos e ás chuvas que nesse tempo caiam com irregularidade.

Tal cercado, a que deram o nome de «*Campo de Concentração*», era um quadrilatero de 500 metros, tendo apenas, como abrigos, velhos cajueiros e lá uma ou outra barraca, mal coberta por uma estôpa suja ou velha esteira de palha de carnaúba.

A cozinha era também ao tempo, e a comida, cozinhada em latas de kerozene sôbre trempes de pedra, era de carne de gado, de pessima qualidade, no dizer de Rodolpho Theophilo «*só digna de urubús*». Como pharmacia possuia o *Campo* um pequeno deposito de medicamentos manipulados, remedios de urgência e *também especialidades pharmaceuticas, panacéas.*

Escreve Rodolpho Theophilo: «Uma coisa que muito devia interessar á saúde daquella população, era o local em que se depositavam as materias fecaes. Fui vê-lo. Ficava a *sotavento* do abarracamento, no fundo do cercado, ao poente, a pequena área coberta de pequenos arbustos onde os famintos, numa promiscuidade de bêstas, defecavam, ficando as fezes expostas ás moscas. Aquelle *attentado á sã hygiene* não podia deixar de ter consequências desastradas.»

E as teve, declaro eu. Os microbios pathogenos foram proliferando naquella esterqueira humana e a morte começou a sua tarefa, pelas crianças, ao despontar o anno de 1916.

A media annual dos obitos na Capital, naquella época, era de 1.900 pessoas. No anno de 1916 ascendeu, entretanto, a uma cifra, até então não observada no Ceará, há mais de 20 annos. Grassou com intensidade a febre parathyphica e o obituário se elevou

a 4.177 óbitos, dos quaes 2.588 de crianças de pouca idade.

Verificou-se, pois, esta coisa assombrosa. Num total de 4.177 obitos geraes, 61% foram de crianças, com um *indice* demographico de 36,97 por 1.000 habitantes.

A SÊCCA DE 1931—1933

Na sêcca de 1931 a 1933, não tivemos o desprazer de passar aquelles momentos dolorosos que nos causaram a mortandade de 1916.

Vivemos num ambiente sadio, taes as optimas condições sanitárias de nossa Capital, devido as medidas tomadas pelo honrado Interventor Carneiro de Mendonça.

No anno de 1931, quando a nossa população normal já estava accrescida de milhares de flagellados, os óbitos geraes chegaram a 3.210, sendo de crianças 1.990, com um *indice demographico* apenas de 28,00 por 1.000 habitantes. Em 1932, em que as concentrações de Urubú e de Octavio Bomfim tiveram uma população de 64.121 flagellados, os óbitos geraes subiram a 4.142, sendo de crianças 2.559, com um *indice demographico* de 27,32 por 1.000 habitantes.

Nos ultimos tempos, nos annos normaes, o obituário desta Capital accusou, em media annual, o numero de 2.573 mortes. Se deduzirmos dos óbitos occorridos em 1931, no total de 3.210, o numero de 2.573 fallecimentos, temos que os óbitos das populações flagelladas, concentradas em Fortaleza, foi de 637, num *indice demographico*, portanto, de 21,20 por 1.000 habitantes, muito aquém do indice de 1916, cujos obitos, só de crianças, apresentaram um *indice* de 36, 97 por 1.000 habitantes. Passando ao anno de 1932: temos uma população flagellada de 64.121 individuos; effectuando os cálculos acima, encontramos, para a referida população, 1.769 óbitos, com um *indice demographico* de 27, 58 por 1.000 habitantes, consequentemente um *indice* bastante inferior ao de 1916.

Nada mais expressivo, nada mais demonstrativo, do alto valor dos serviços de assistência sanitá-

ria prestados aos retirantes de sêccas de 1931 a 1933, que os numeros supra.

Concluindo. Muito teria eu a dizer sôbre as seccas de 1931 a 1933; infelizmente, a exiguidade de espaço de que disponho nesta *Revista* não me permitte maior expansão.